

Montagem de
'A Falecida' volta
aos palcos cariocas

PÁGINA 3



Bafici recebe
produção
romeno-brasileira

PÁGINA 6



O feminino e as
plantas por Natali
Tubenchlak

PÁGINA 8



2º CADERNO

Queremos!
Festival
comemora
15 anos com
shows em
quatro palcos e
novo formato

Por Affonso Nunes

Um dos principais festivais de música da cidade, o Queremos!, chega à sexta edição celebrando 15 anos de atividades e ampliando sua proposta. Em 2025, o evento ganha novo formato de ocupação: entre esta quinta-feira (10) e domingo (13), os shows serão distribuídos em quatro espaços emblemáticos cariocas — Vivo Rio, Circo Voador, Marina da Glória e Teatro Casa Grande. O lineup reúne uma seleção de artistas nacionais e internacionais, com destaque para Amaro Freitas, Anelis Assumpção, Arnaldo Antunes, Liniker, Luedji Luna (foto), Nabiyah Be, Sophia Chablau & Felipe Vaqueiro e Yago Oproprio, além dos convidados de fora Hermanos Gutiérrez e Yaya Bey.

Na véspera da maratona musical, o festival abriu espaço para o pensamento. Em parceria com a Firjan Sesi Senai, o Queremos! promoveu edição especial do Diálogos Criativos nesta quarta (9) na Casa Firjan.

É tudo o que queremos

O encontro, gratuito e voltado à indústria criativa, propõe reflexões sobre a força da música como vetor de desenvolvimento para o Rio. A programação inclui quatro mesas temáticas e requer inscrição prévia.

Reconhecido por sua curadoria criteriosa e por privilegiar a experiência do público, o Queremos! reforça, em 2025, seu compromisso com a ocupação criativa da cidade. “Em tempos de tantas opções, escolhemos a música e preparamos um novo formato para celebrar nossos 15 anos”, afirma Pedro Seiler, diretor do festival ao lado de Felipe Continente. “Com mais datas, mais palcos e mais Rio de Janeiro, sem perder a essência que nos trouxe até aqui”, completa. **Continua na página seguinte**

Divulgação



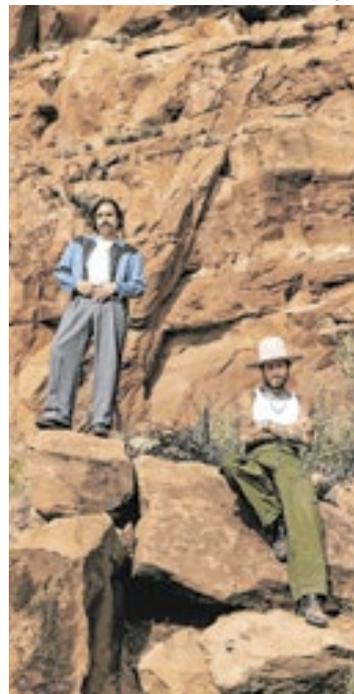
Sophia Chablau
e Felipe Vaqueiro

Leo Aversa/Divulgação



Araldo Antunes

Andy Noel/Divulgação



Hermanos Gutierrez

Um line-up diversificado

Divulgação



Yaya Bey

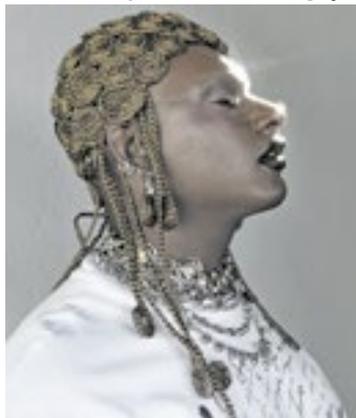
Divulgação



Yago Oproprio

José de Holanda/Divulgação

Rony Hernandez/Divulgação



Liniker

Micael Hocherman/Divulgação

Franklin Almeida/Divulgação



Nabiya Be

A abertura do festival nesta quinta-feira (10), no Vivo Rio, fica a cargo de Luedji Luna, com o espetáculo “Luedji Luna canta Sade”. Em clima de reverência e reinvenção, a cantora baiana interpreta canções marcantes da artista nigeriana, como “Smooth Operator”, “Your Love Is King” e “By Your Side”, acrescentando sua assinatura a esse repertório de aura elegante e empoderada.

Na mesma noite, Yaya Bey faz sua estreia no Brasil. Nome em ascensão no R&B norte-americano, a artista nova-iorquina apresenta o repertório de “Ten Fold”, seu mais recente disco, e outras composições em que costura soul, funk e jazz com sensibilidade autobiográfica. Poeta, curadora de arte e ativista, ela transforma vivências íntimas em canções de alcance social.



Anelis Assumpção



Amaro Freitas

No dia seguinte, 11 de abril, o Circo Voador recebe Araldo Antunes, que apresenta ao vivo o recém-lançado álbum “Novo Mundo”. Com produção de Pupillo e participações de David Byrne, Marisa Monte, Ana Frango Elétrico e

Outro destaque do sábado é Yago Oproprio. O rapper paulistano, revelado pela cena da Zona Leste, mostra faixas de seu primeiro álbum, “Oproprio”, indicado ao Grammy Latino e celebrado por sua abordagem melódica e letras intensas.

Na mesma noite, Anelis Assumpção presta homenagem ao reggae com o show “Legalize It”, inspirado no disco homônimo de Peter Tosh. A apresentação mistura clássicos do gênero, composições autorais e canções de seu pai, Itamar Assumpção, numa celebração afetiva e musical.

Nabiyah Be também sobe ao palco da Marina com “O Que o Sol Quer”, seu primeiro álbum. Filha do jamaicano Jimmy Cliff com a brasileira Sônia Gomes, a artista mescla influências caribenhas e brasileiras para tratar de identidade, amor e transformação. Sua performance foi definida pelo New York Times como “hipnotizante”.

O encerramento do festival será no domingo, 13 de abril, no Teatro Casa Grande. Quem comanda a noite é o duo Hermanos Gutiérrez, formado pelos irmãos equatoriano-suíços Alejandro e Estevan. Eles trazem ao Brasil a turnê de “Sonido Cósmico”, disco produzido por Dan Auerbach, do The Black Keys. Aclamado pela crítica, o álbum leva o ouvinte a uma travessia sonora entre o deserto e o universo, marcada por guitarras em transe.

Também no último dia do festival, o pianista pernambucano Amaro Freitas apresenta o show “Amaro Freitas Trio”, com arranjos para contrabaixo acústico e bateria. Celebrado pela imprensa especializada como um dos nomes mais inovadores do jazz atual, ele percorre sua discografia, do álbum de estreia “Sangue Negro” ao recente “Y’Y”.

SERVIÇO

QUEREMOS! FESTIVAL

Vivo Rio, Circo Voador, Marina da Glória e Teatro Casa Grande | DE 10 a 13/4
Horários conforme a programação de cada local
Ingressos à venda no site do festival

Vandal, o disco marca o retorno de Araldo a uma sonoridade mais densa, depois do intimismo de “Lágrimas no Mar”.

A noite começa com o show inédito do duo Sophia Chablau & Felipe Vaqueiro. A parceria surgiu em 2023, quando os artistas se conheceram durante uma turnê conjunta. Em janeiro de 2025, lançaram o compacto “Nova Era / Ohayo Saravá” e agora sobem ao palco com composições autorais e colaborações inéditas.

A programação de sábado, 12 de abril, acontece na Marina da Glória. Liniker apresenta na íntegra o show do disco “Caju”, que esgotou ingressos por onde passou. O álbum, com 14 faixas e participações de nomes como Lulu Santos, BaianaSystem e Pablllo Vittar, mescla pop, samba, jazz, house, pagode, disco e reggae em relatos confessionais.

Arnaldo sempre veste bem

Anna Ratto volta a mergulhar na obra de Arnaldo Antunes em seu sétimo álbum, 'Vison Negro'

Por Affonso Nunes

Obra do acaso, mas de resultados cuidadosamente elaborados, "Vison Negro" marca a nova fase artística da cantora e compositora Anna Ratto. Lançado pela gravadora Biscoito Fino, o álbum surgiu durante os ensaios da turnê de "Contato Imediato" (2021), quando novas releituras de canções de Arnaldo Antunes foram sendo incorporadas ao repertório do show.

O ponto de partida veio com uma provocação do músico Kassin, que sugeriu a gravação de três dessas releituras. O que seria um EP complementar, acabou se transformando em um disco com dez faixas — todas de autoria ou coautoria de Arnaldo Antunes. "Escrevi para o Arnaldo pedindo algo novo. Ele mandou seis músicas, depois mais quatro...", recorda Anna.

A parceria com Kassin se estendeu também à produção do álbum, dividida com Liminha, nome que

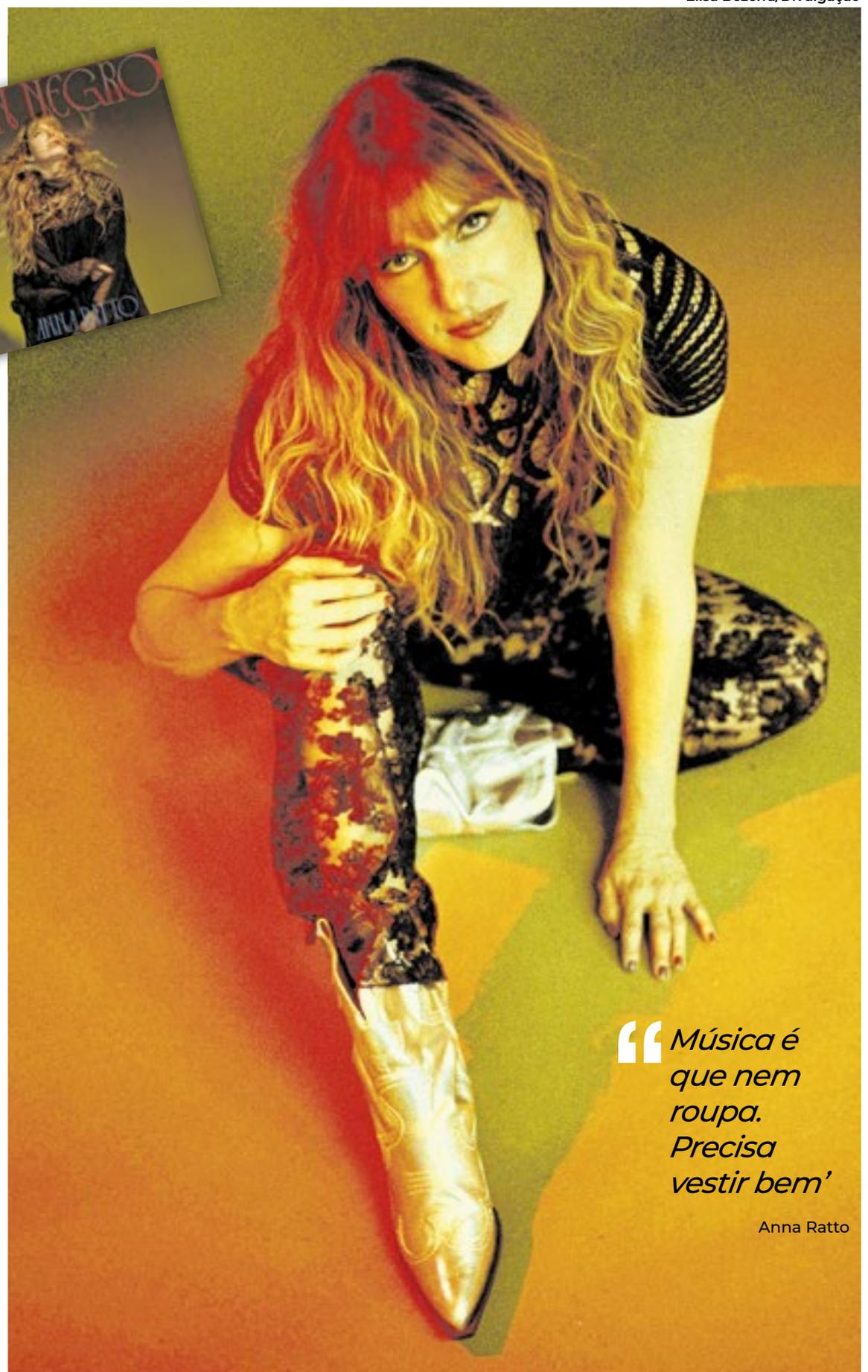
já havia trabalhado com a artista no disco anterior e com Arando Antunes em diversas ocasiões desde os tempos dos Titãs. Juntos, os três buscaram uma sonoridade analógica e orgânica, priorizando gravações ao vivo com músicos de estúdio, em contraponto ao domínio dos recursos digitais na música pop contemporânea.

O time de instrumentistas inclui nomes de peso como Jorge Ailton (baixo), Davi Moraes (guitarra), Marcelo Galter (piano), Paulo Braga, Tutto Ferraz e Estevan Barbosa (baterias), além de Elísio Freitas (guitarra). A direção artística resultou em um álbum direto e solar, com arranjos econômicos e letras afiadas.

A faixa-título abre o trabalho e dá o tom do disco ao criticar com ironia o culto ao luxo e à ostentação: "Eu te amo, mas eu vivo com você porque você vai fazer sucesso / E vai dar brilhantes, vai me dar diamantes, vai me dar um vison negro". Outros destaques são "Melhor Não Enfeitar", "Não Temo" (parceria de Antunes e Anna Ratto) e "Sem Você", de Arnaldo com Carlinhos Brown, que formam o núcleo mais roqueiro do disco.

As influências pop e regionais aparecem na guitarrada "Bam Bam Bam" (com Hyldon e Céu), no reggae "Dança" (com Marcos Montagner) e na balada "Todo Dia e Toda Hora Com Você", que traz Fernanda Takai em dueto. Neste último caso, as referências aos Beatles são intencionais e dialogam com a sofisticação melódica da faixa.

A mixagem ficou a cargo do engenheiro de som estadunidense



“Música é que nem roupa. Precisa vestir bem”

Anna Ratto

Michael H. Brauer, conhecido por trabalhos com nomes como Aretha Franklin, Bob Dylan, Coldplay e Paul McCartney. Sua participação contribuiu para uma sonoridade vigorosa e precisa, elevando o padrão técnico do álbum.

Ao longo das dez faixas, Anna Ratto reafirma sua versatilidade e recusa à repetição. "Busco me conhecer em outros cantos, literalmente. Música é como roupa: precisa vestir bem", reflete.

Com trajetória iniciada em

2006, a artista carioca chega ao sétimo álbum mostrando maturidade e convicção, mesmo diante de um mercado fonográfico cada vez mais fragmentado. "Furar bolhas seria uma surpresa. Mas isso nunca pode dirigir uma artista", afirma.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Dida, criadora da casa africano que leva seu nome

Dida Bar e Restaurante se torna Patrimônio Imaterial carioca

O Dida Bar e Restaurante, referência em gastronomia afro-brasileira e africana no Rio, completa 10 anos de história e comemora a data com um reconhecimento especial. Nesta quinta-feira (10), o estabelecimento será oficialmente nomeado Patrimônio Cultural Gastronômico e Imaterial da cidade, uma honraria concedida

pela Assembleia Legislativa. O evento de celebração acontecerá no próprio Dida Bar e Restaurante, localizado no Polo Gastronômico da Praça da Bandeira, e reunirá clientes, amigos, familiares e personalidades da cultura e da culinária carioca. A cerimônia contará com o tradicional Samba da Dida a partir das 18h.

Afrogastronomia

O Dida se tornou ponto de encontro para quem busca uma experiência gastronômica autêntica e carregada de história. O estabelecimento é conhecido por seu ambiente acolhedor, com decoração que remete à cultura afro-brasileira.

Afrogastronomia II

“Sempre acreditei que a gastronomia é uma forma de contar histórias e manter nossas raízes vivas. Meu bar não é só um lugar para comer, mas um ponto de encontro, cultura e memória”, destaca a empreendedora ao comentar a homenagem.

Força, Preta!

Um novo boletim médico foi divulgado sobre o estado de saúde de Preta Gil. De acordo com informações do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, ela permanece internada para acompanhamento. Seu estado é estável, mas sem previsão de alta.

Força, Preta! II

Recentemente a cantora anunciou que fará um tratamento experimental fora do Brasil. A decisão sobre a viagem da filha de Gilberto Gil, no entanto, será tomada futuramente, não podendo acontecer agora em função de seu quadro de saúde



Camila Morgado e Thelmo Fernandes na montagem de ‘A Falecida’, um dos clássicos da dramaturgia rodrigueana

Sob a sombra da hipocrisia

Montagem de ‘A Falecida’ volta à cidade

Camila Morgado retorna aos palcos com a encenação de “A Falecida”, clássico de Nelson Rodrigues escrito em 1953. A montagem, dirigida por Sérgio Módena, não poderia estar em local mais apropriado, o Teatro Nelson Rodrigues. A obra, considerada pelo crítico Sábito Magaldi uma das “tragédias cariocas” de Nelson, acompanha Zulmira, mulher tuberculosa e desiludida, obcecada pela ideia de um enterro luxuoso. Em sua lógica distorcida, a pompa do velório serviria de revanche contra a prima Glorinha, com quem mantém uma rivalidade silenciosa.

Pouco antes de morrer, Zulmira convence o marido desempregado a pedir ajuda financeira a Pimentel, um empresário misterioso. Ela deseja um funeral de 35 mil cruzeiros, quantia absurda para a época. Após a morte da esposa, o viúvo descobre que Pimentel era amante de Zulmira e, ao chantagá-lo, consegue dinheiro suficiente para um

enterro modesto — o restante ele aposta num jogo de futebol.

Apesar de ambientada nos anos 1950, a peça, segundo o diretor Sérgio Módena, segue relevante. “Vivemos ainda sob a sombra da hipocrisia e da falsa moral. O fanatismo religioso abordado por Nelson se torna ainda mais contundente nos dias de hoje. Zulmira trai o marido e é consumida pela culpa. Sua obsessão pelo enterro é um gesto de vingança contra uma vida sem saídas. A morte, para ela, é redenção.”

A proposta cênica é marcada por uma estética atemporal. O cenário de André Cortez tem como elemento central um grande mausoléu, símbolo da ostentação social mesmo entre os mortos. Os figurinos de Marcelo Olinto evitam fidelidade histórica e atravessam diferentes épocas.

“Zulmira é um dos personagens femininos mais complexos do Nelson, sua trajetória passa por várias camadas e temperaturas. São transformações importantes que falam deste seu apagamento como um ser desejanste. Ela transita pela raiva, pela obsessão, inveja, amor, desejo, fundamentalismo religio-

so. Representar uma personagem com tantas contradições e sutilezas é maravilhoso, um desafio. Nelson é um escritor que sempre li e quis fazer”, disse Camila ao Correio da Manhã durante a passagem do espetáculo por Brasília.

Módena também falou ao Correio e demarcou sua relação com a obra de Nelson Rodrigues e sua criação da montagem. “Eu e Camila somos apaixonados por esse texto e pelo legado de Nelson. E ela é uma atriz rodrigueana por excelência, assim como o Thelmo Fernandes. Esta montagem marca a minha primeira direção de uma obra de Nelson. Estamos criando uma encenação atemporal para a peça que se passa no subúrbio carioca. Mas Nelson vai além. Ele radiografa a miséria da alma humana, presente nos mais diversos lugares e épocas”, afirmou o diretor.

“O humor peculiar de Nelson também está presente. Mesmo com toda a tragédia de Zulmira, a peça não abandona a ironia e o riso amargo, que são marcas do autor”, completa Módena.

SERVIÇO

A FALECIDA

Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 - Centro)

De 10/4 a 4/5, às quintas e sextas (19h) e sábados e domingos (18h) | Entre R\$ 15 e R\$ 40



Suzana Nascimento em 'Em Nome da Mãe': 'Nunca tinha parado para pensar nessa mulher de carne e osso e tudo que ela deve ter passado'

Ao colocar em segundo plano o aspecto religioso e desconstruir a imagem idealizada de Maria de Nazaré, o monólogo "Em Nome da Mãe" apresenta a trajetória de uma jovem pobre, solteira e grávida, atravessada por preconceitos em uma sociedade patriarcal e conservadora. A história, que há séculos vem sendo contada por homens na tradição bíblica, ganha aqui nova perspectiva: a da própria protagonista, antes de ser reconhecida como mãe do filho de Deus.

Inspirada na obra homônima do autor italiano Erri de Luca, a montagem é assinada e protagonizada por Suzana Nascimento, com direção de Miwa Yanagizawa. O espetáculo volta aos palcos cariocas em temporada no Teatro Adolpho Bloch.

A dramaturgia parte da leitura pessoal de Suzana, que conheceu o livro em 2015. "Quando li o livro do Erri De Luca, eu fiquei arrebatada completamente. E fiquei muito impressionada porque eu nunca tinha parado para pensar nessa mulher de carne e osso, assim como muita gente nunca parou

Acima de tudo, uma mulher

De volta aos palcos cariocas, o monólogo 'Em Nome da Mãe' ressignifica a trajetória de Maria de Nazaré

para pensar nessa mulher de carne e osso que é a Maria e tudo o que ela deve ter passado na época que ela passou, na época que essa história provavelmente aconteceu. E como ela tem a ver com as muitas mulheres da atualidade", disse Suzana ao Correio da Manhã quando a peça estreou no Rio, em agosto de 2024.

A atriz conta que, a partir do livro, construiu uma adaptação que amplia o olhar para o feminino e para questões ainda urgentes na sociedade contemporânea. Na peça, três mulheres conduzem a narrativa – a jovem Maria (ou Miriam, em hebraico), a atriz e a anciã – revelando os dilemas, medos e re-

sistências de uma personagem marcada pela coragem e pelo silêncio histórico. O espetáculo também incorpora relatos da própria atriz e reflexões atuais, costurando passado e presente com delicadeza.

"Eu procuro aqueles personagens que de alguma forma me afetam profundamente e que a partir daí eu vou trabalhar essas personagens para que elas afetem profundamente outras pessoas também. E que de alguma forma elas transformem e façam as pessoas refletirem e causem alguma mudança nas pessoas que se encontram com essa personagem", comenta Suzana.

Premiada em quatro categorias

no 16º Prêmio APTR de Teatro, incluindo melhor espetáculo, direção, música e atriz, a montagem circulou por oito unidades do Sesc no estado do Rio em 2024, com apoio do edital Sesc Pulsar. A nova versão, concebida especialmente para o palco, traz mudanças significativas de linguagem. A luz, redesenhada por Ana Luzia Molinari de Simoni em parceria com Hugo Mercier, e o cenário, recriado por Desirée Bastos e Jovanna Souza, são alguns dos elementos revistos para esta encenação presencial.

"Não se trata de uma simples transposição. Estamos criando uma nova experiência cênica, com mo-

mentos de interação com o público que fazem parte do meu modo de atuar desde 'Calango deu! Os causos da Dona Zaninha'", comenta Suzana, referindo-se ao solo que permaneceu dez anos em cartaz e venceu prêmios em festivais nacionais.

Para a diretora Miwa Yanagizawa, o espetáculo se insere numa trilogia de trabalhos voltados ao protagonismo das mulheres. "A peça rompe com a imagem romantizada de Maria. Ao humanizá-la, ela se torna símbolo de resistência e liberdade – um gesto que amplia o debate feminista e reforça a potência de narrativas que ainda foram pouco ouvidas", diz Miwa, que também dirigiu "Nastácia" e "Eu matei Sherazade, confissões de uma árabe em fúria".

SERVIÇO

EM NOME DA MÃE

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel 804, Glória)
Até 4/5, de quinta a sábado (20h) e domingos (17h) (20h)
Ingressos: R\$ 120 (quintas e sextas), R\$ 100 (sábados e domingos) e R\$ 50 (lista amiga)

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

É dia de Cannes anunciar as atrações de seu 78º festival, sob forte expectativa brasileira por “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, e sob torcida organizada da Romênia em prol da participação de “Dracula’s Park”, de Radu Jude, na competição pela Palma de Ouro, marcada para ocorrer de 13 a 24 de maio. Não é apenas o povo romeno que cruza dedos a torcer por Jude.

A cinefilia argentina anda in love com o diretor de 48 anos desde que viu seu filme mais recentes, “Kontinental ‘25”, no Bafici, o Festival Internacional de Buenos Aires. Com DNA brasileiro em sua medula, sob a produção da mesma RT Features disputou o Oscar com “Ainda Estou Aqui”, o longa-metragem estreou mundialmente na Berlinale, em fevereiro, na briga pelo Urso de Ouro. Saiu dela com o prêmio de Melhor Roteiro.

Seu prestígio começou em 2021, no auge da pandemia, graças ao Urso Dourado que ganhou na capital alemã por um filme de conexão frontal com a histeria da covid-19: “Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental”. Há como vê-lo na grade da plataforma digital Reserva Imovisio). Parte dos procedimentos e dos temas vistos naquela fita voltam em “Kontinental ‘25”, empreitada cheia de ironia que ele construiu com a ajuda do produtor carioca (radicado em SP) Rodrigo Teixeira. Um dos pontos centrais é um balanço do saldo comunista nas repúblicas do Velho Mundo e as tensões da Hungria e de sua Romênia natal.

“A poesia que pode existir no cinema que eu faço vem do choque entre a ficção e o documentário, numa espécie de retorno aos irmãos Lumière (os inventores da linguagem cinematográfica, inaugurada por eles em 1895). Rodei este longa com um smartphone e me pergunto o que os Lumière filmariam se tivessem um celular”, disse Jude ao Correio da Manhã na Berlinale.

Estética debochada

Teixeira estava com ele no festival. “Radu é um diretor que admiro e que tem um trabalho espetacular”, disse o produtor. “O cineasta brasileiro Gustavo Vinagre, a quem eu acabo de produzir, falou muito do Jude pra mim, no Festival de Berlim de 2024. Eu resolvi procurá-lo. Aí ele trouxe essa ideia do ‘Kontinental ‘25’, e isso ao mesmo tempo em que idealizava ‘Dracula’s Park’, que vem por aí”.

A trama de “Kontinental ‘25” se passa na região de Cluj, na Transilvânia (a pátria do vampirão de Bram Stoker). Em seu enredo,



“Kontinental ‘25”, de Radu Jude, conquistou o prêmio de melhor roteiro na Berlinale, em fevereiro

Geopolítica de humor ‘kontinental’

Divulgação/SSIFF

Festival de Buenos Aires recebe produção meio romena, meio brasileira que rendeu a Radu Jude o prêmio de Melhor Roteiro na Berlinale, num estudo de ranços comunistas

um sem-teto comete suicídio depois de ser expulso de seu abrigo no porão de uma casa. Orsolya, a oficial de justiça que executou o despejo, é impelida a fazer várias tentativas para lidar com seus sentimentos de culpa pela morte do sujeito.

Respeitado por uma estética debochada, que transpõe os limites entre o que é realidade e o que encenado, o realizador explicou que “Kontinental ‘25” é sua experiência “mais ficcional”, no sentido clássico da expressão. “Tudo é muito imaginativo nesse filme, ainda que eu tenha partido de um caso real”, disse.



Radu Jude é tido como um popstar autoral, um realizador que ajudou a chamada Primavera Romena a se renovar

No Brasil, o filme anterior do cineasta, “Não Espere Muito Do Fim Do Mundo” (“Nu Astepta Prea Mult De La Sfârșitul Lumii”), que ganhou o Prêmio do Júri no Festival de Locarno em 2023, só estreou no streaming. Está desde abril na plataforma MUBI, que ainda lançou seus curtas “Plastic Semiotic” (2021) e “The Potemkinists” (2022),

“A maior parte do conhecimento cine-

matográfico que eu tenho vem da pirataria. É óbvio que desejo ver meu filme projetado, com som bom, como é o caso de uma exibição na Berlinale Palast, mas eu não tenho nada contra plataformas como a Netflix e aprecio o trabalho da MUBI. Lá, você pode ver um Godard num dia, um curta da América do Sul no outro, um clássico de Hollywood na sequência. Acho que eu tenho uma das primeiras assinaturas do www.mubi.com desde que a plataforma surgiu”, disse o diretor, que, nesta quinta, aguarda as boas novas de Cannes acerca de “Dracula’s Park”, cujo elenco é similar ao de “Kontinental ‘25”. “Não sou um purista. Sei do valor de novos suportes para a descobriremos filmes”.

Retrospectiva

Além de Radu, o Bafici acolhe a obra de um outro bamba autoral da Romênia: o realizador Bogdan Muresanu. O sucesso mundial de seu último filme, “O Ano Novo Que Nunca Veio”, coroado com o prêmio Horizontes do Festival de Veneza, assegurou ao realizador uma retrospectiva na maratona cinéfila da Argentina.

Em sua competição internacional oficial, o Bafici vê o filme brasileiro “Minha Mãe É Uma Vaca”, de Moara Passoni, ampliar seu fã-club. Escrito por Fernanda Frotté em dobradinha com sua realizadora, esta produção vem arrebatando olhares pelo mundo afora desde o Festival de Veneza pela direção de arte de Isabel Azevedo e pela fotografia de Carolina Costa. Em sua trama, a jovem Mía espera notícias do paradeiro da mãe. Longe da proteção materna, a menina é deixada aos cuidados da tia, imersa na paisagem mítica do Pantanal. Sob a ameaça de onças e queimadas, ela descobre que o amor pode se manifestar de maneiras inesperadas.

ENTREVISTA / AVELINA PRAT, CINEASTA

Divulgação



'A gente sempre se reconhece em personagens solitários'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Arquiteta de formação, a diretora valenciana Avelina Prat ultrapassou o Tratado de Tordesilhas que divide as posses espanholas das posses de Portugal no território cinéfilo da representação da cultura ibérica, pelas Américas, em sua participação no 26º Bafici. Deu ao Festival

de Buenos Aires uma (arrebataadora) aula (decolonial) sobre identidades (as novas e as perpétuas), com um pé em Barcelona e outro na "terrinha", entre nossos patrícios, ao entrar (e brilhar) na disputa pelos prêmios da competição internacional do evento argentino com "Una Quinta Portuguesa".

Atuações comoventes do ator andaluz Manolo Solo e de Maria de Medeiros (a cantora, diretora e atriz lusitana que atuou em "Pulp

Fiction") asseguram lirismo à narrativa. Os delicados enquadramentos da cineasta impressionaram as plateias portenhas.

A fotografia dionisíaca de Santiago Racaj aquece o clima deste enredo sobre recomeços. Nele, Fernando, um pacato professor de geografia (papel de Manolo), encontra-se num abismo sentimental após o desaparecimento de sua mulher, uma estrangeira, de origem sérvia. Sem rumo na vida, ele assu-

me uma nova identidade, com um novo nome (Manuel), e passa a trabalhar como jardineiro em uma vila em Portugal, onde trava uma amizade inesperada com a proprietário, Amália (vvida por Maria), e mergulha em um mundo que não lhe pertence.

Realizadora de "Vasil" (2022), Avelina participa do Bafici ainda como jurada de um certame distinto daquele no qual concorre: a disputa de longas e curtos argentinos. Nesta entrevista, ela faz uma cartografia da produção cinematográfica da Espanha hoje.

Até que ponto a dimensão solitária de Fernando reflete a solidão ibérica?

Avelina Prat: Entendo a solidão como um sentimento universal, nunca pensei em uma solidão ibérica específica. A Espanha é vista de fora como um país em que as pessoas são muito sociáveis: família, amigos, muita vida na rua, nos bares. Mas a solidão é intrínseca a

cada pessoa e, para mim, é bastante semelhante em qualquer lugar do mundo. A gente sempre se reconhece em personagens solitários em muitos filmes.

Assim como acontece em "Um Corpo Que Cai" ("Vertigo"), de Alfred Hitchcock, temos em sua "Quinta Portuguesa" pessoas que mudam sua identidade em nome do desejo, do (des) amor. Até que ponto esse vetor histórico cinematográfico orienta seu filme? Que lugar o amor ocupa no filme?

"Vertigo" não foi uma referência inicial ao escrever a trama do filme, mas depois percebemos as semelhanças, o que é fantástico. Há um mecanismo semelhante, não apenas na mudança de identidade, mas também no mistério de um personagem seguindo outro tentando descobrir e entender sua história.

Qual é o orçamento para filmar uma produção como essa? Quantos dias de filmagem? Quantas locações?

No total, incluindo as partes em espanhol e português, o orçamento é de aproximadamente 3 milhões de euros. Foram 33 dias de filmagem. Cerca de 30 locações. Parte das filmagens foi feita em Portugal (Ponte de Lima / Esposende) e a outra parte na Espanha (Barcelona).

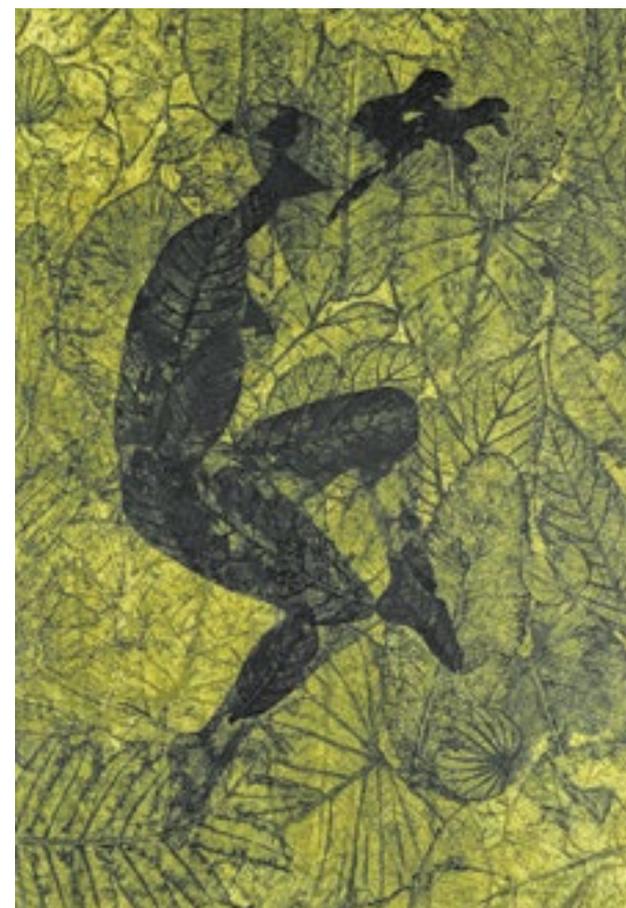
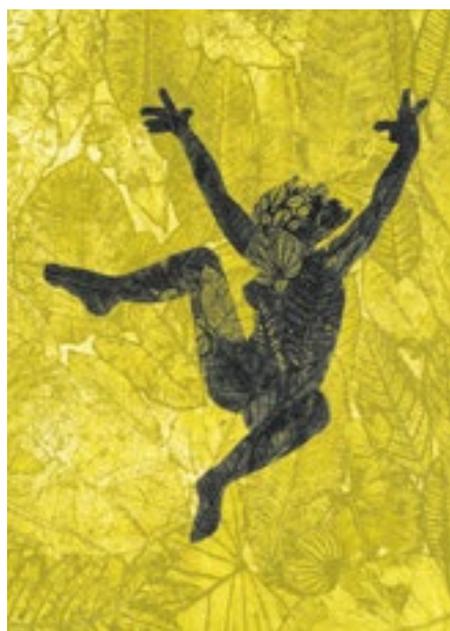
De que forma "Una Quinta Portuguesa" se encaixa no contexto atual de produção na Espanha?

Curiosamente, dizem-me que é um filme diferente do que se vê normalmente no cinema espanhol, embora eu não saiba bem como definir o cinema espanhol. Sinto muita afinidade com o cinema de autor europeu em geral. Qual é a situação atual do cinema espanhol? No momento, ele está em um momento muito bom. Muito cinema está sendo produzido e, acima de tudo, com pontos de vista muito diferentes. Acho que isso nos dá muita riqueza.

Refletindo a construção do feminino



Gravurista Natali Tubenchlak expõe seus trabalhos no Espaço Abapirá



Por **Affonso Nunes**

O espaço independente de arte Abapirá, instalado em um casarão tombado no centro histórico do Rio, recebe a exposição “Desvairadas e Outros Cultivos”, de Natali Tubenchlak. Com curadoria de Ana Carla Soler, a mostra revisita mais de 25 anos de trajetória da artista niteroiense, cuja obra expande a reflexão sobre o feminino e seus desdobramentos no cotidiano.

Entre os destaques, três trabalhos de grande formato criados especialmente para o projeto Janelas da Abapirá, com apoio do programa Reviver Centro, da Prefeitura do Rio. A exposição propõe um percurso pela relação sensível e con-

tínua de Natali com o mundo vegetal, reunindo três séries recentes e inéditas — “Mata Atlântica Dramática”, “Viveiros” e “Desvairadas” — além de obras anteriores que se articulam com a mesma temática.

Segundo a curadora, é recorrente na obra da artista o aparecimento de figuras híbridas, meio humanas, meio vegetais — corpos cujas cabeças se transformam em brotos. Também é comum o uso de silhuetas extraídas de seus contextos originais, desprovidas de narrativas fixas. Na série mais recente, “Desvairadas”, Natali parte de posturas da luta livre para construir corpos feitos de folhas e fragmentos vegetais. São figuras que evocam a força e a delicadeza de entidades femininas em sintonia com a natureza.

Com mais de duas décadas de

A exposição revela o desenvolvimento da pesquisa de Natali Tubenchlak em torno de sua relação com as plantas



produção, Natali iniciou sua trajetória na pintura e se destacou na gravura, campo em que desenvolve um trabalho de refinamento técnico. É uma das artistas em atividade no ateliê de gravura do Museu do Ingá, referência nacional no segmento. O projeto Janelas da Abapirá busca integrar arte e cidade, transformando as janelas do casarão em vitrines poéticas voltadas para a Rua do Mercado. A proposta inclui exposições individuais e coletivas, performances e intervenções, sempre com curadoria voltada a provocar o olhar e ampliar a experiência urbana.

Natali é artista visual com formação em design, gravura, cerâmica, escultura e marcenaria. Estudou na Escola de Artes e Ofícios de Barcelona, na EAV Parque Lage e na Oficina de Gravura do Museu

do Ingá. Fundadora do espaço independente Barracão Maravilha (2008–2014), tem uma produção que investiga ética, sensualidade e violência, com atenção especial ao cruzamento entre técnica e narrativa. Seu trabalho se orienta atualmente pela cologravura, técnica que alia inovação e sustentabilidade, inspirada nas obras de Antônio Berni e Belkis Ayón. Além de artista, é professora e pesquisadora dos potenciais éticos e criativos da gravura contemporânea.

SERVIÇO

DESVAIRADAS E OUTROS CULTIVOS

Espaço Abapirá (Rua do Mercado, 13, Centro) | De 12/4 a 5/6, de terça a sábado (14h às 18h) | entrada franca